

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST): MEDIAÇÃO E PREVENÇÃO EM UM MUSEU DE CIÊNCIA

SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS (STI): MEDIATION AND PREVENTION IN A SCIENCE MUSEUM

ISABELA VANESSA TAVARES CORDEIRO **SILVA**. Enfermeira.

SÔNIA TRANNIN DE **MELLO**. Doutora em Biologia Celular.

Rua Pará, 949. Cidade Nova, CEP 87023-080, Maringá-PR. E-mail: stmello@uem.br

RESUMO

Os processos de mediação em museus de ciência são considerados fundamentais por envolverem diferentes níveis de diálogos, sendo a mediação humana especialmente pertinente, sobretudo no que se refere à área de educação para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e planejamento familiar. Diante da atualidade do tema tivemos como objetivo verificar o conhecimento dos visitantes de um museu de Ciência da cidade de Maringá, no Paraná sobre IST, métodos de prevenção e qual a efetividade dos conteúdos abordados durante a visita. Fizeram parte desta pesquisa 400 estudantes, com idades entre 14 a 64 anos, em visitas monitoradas, agendadas e espontânea à sede do museu. Nossos resultados mostram que o espaço destinado à educação para a saúde, vem contribuído positivamente para melhorar o nível de compreensão dos visitantes acerca do tema, sendo necessário priorizar uma educação pautada no fato de que o sexo faz parte da vida e da saúde devendo, respeitando-se as diferentes faixas etárias, ser amplamente discutido de forma clara e objetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para a Saúde. Adolescentes. Popularização da Ciência.

ABSTRACT

Mediation processes in science museums are considered fundamental because they involve different levels of dialogues, and human mediation is especially relevant, especially in the area of education for the prevention of sexually transmitted infections (STI) and family planning. In view of the current theme, we aimed to verify the knowledge of visitors to a Science Museum in the city of Maringá, Paraná, about STI, prevention methods and the effectiveness of the contents covered during the visit. This study included 400 students, ages 14 to 64, in monitored, scheduled and spontaneous visits to the museum's headquarters. Our results show that the space destined to health education has contributed positively to improve the level of understanding of the visitors about the subject, being necessary to prioritize an education based on the fact that sex is a part of life and health, while respecting if the different age groups, be widely.

KEYWORDS: Health Education. Adolescents. Popularization of Science.

INTRODUÇÃO

Museus são elementos históricos que fazem parte da cultura de todos os povos, todavia, com o passar do tempo assumiu diversas funções, entre elas, ações relacionadas à produção de conhecimentos, valores, hábitos e culturas, abrangendo diversos grupos sociais. Caracteriza-se por demonstrar a realidade por meio de exposições com temáticas científicas onde o visitante é convidado a abandonar o papel de receptor e participar como ator no processo de ampliação da cultura científica (GOMES; CAZELLI, 2016).

Nessa perspectiva, os processos de mediação são considerados fundamentais às finalidades dos museus, envolvendo potencialmente vários níveis de diálogo: entre o público e as exposições; entre os sujeitos e o saber; entre a arte, a ciência, a história e a sociedade, sendo a mediação humana presencial e especialmente pertinente para museus de ciência (MARANDINO, 2018).

Os conhecimentos ofertados nos museus são conduzidos por meio das experiências e práticas do dia-a-dia provendo um processo de socialização e a aproximação dos indivíduos com a divulgação científica (DOS SANTOS et al., 2017), sendo importante que se supere a ideia de separação e fragmentação dos espaços de aprendizado, já que do ponto de vista institucional, pode-se considerar um museu um espaço de educação não formal (ENF), mas, sob o olhar do público, pode se configurar como educação formal (quando os alunos o visitam para uma atividade altamente estruturada pela escola), ou mesmo como educação informal (considerando um visitante que procura o museu para se divertir) (MARQUES; MARANDINO, 2017).

O Museu Dinâmico Interdisciplinar da Universidade Estadual de Maringá (MUDI/UEM) atua em várias áreas do conhecimento, possuindo diversos projetos que atuam concomitantes, cooperando para formação de profissionais voltados a questões sociais. Atualmente vem desenvolvendo pesquisas na área de educação para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e planejamento familiar, buscando a construção e o aprofundamento de fundamentação teórica própria, que sirva de alicerce para suas práticas educativas.

As IST são causadas por mais de 30 agentes etiológicos (fungos, protozoários, bactérias), sendo transmitido de pessoa para pessoa por meio do contato sexual desprotegido, via sanguínea e de forma vertical durante o período gestacional (BRASIL, 2015). Dentre as medidas de prevenção assertivas contra a IST destaca-se o uso dos preservativos masculino e feminino.

O preservativo feminino foi pensado com a finalidade de proporcionar as mulheres maior autonomia, liberdade e poder de decisão. Possui o formato de uma bolsa cilíndrica com dois anéis bem flexíveis, um externo e o outro interno. Produzido com material de borracha nitrílica, conduz o calor de forma mais eficaz, reduzindo o risco de reações alérgicas. Apresenta dupla proteção contra IST pois sua borda externa cobre a vulva (FERNANDES et al., 2012). Já o preservativo masculino, quando comparado ao feminino, possui grande divulgação e incentivo no Brasil, sendo fácil o acesso e uso (DOURADO et al., 2015).

Some-se a isso o fato de que o preservativo feminino aparece pouquíssimas vezes em campanhas sobre prevenções de IST, contribuindo para dificultar sua aceitação (SANTOS et al 2016). Diante da atualidade do tema

tivemos como objetivo verificar o conhecimento dos visitantes do espaço “Educação para a Saúde” do Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM sobre IST, métodos de prevenção e qual a efetividade dos conteúdos abordados durante a visita.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa quantitativa e descritiva com 400 estudantes dos ensinos fundamental, médio, educação para jovens e adultos e de ensino superior em visitas agendadas e espontânea no Museu Dinâmico Interdisciplinar da Universidade Estadual de Maringá (MUDI/UEM). As idades variaram de 14 a 64 anos, com média 28 e mediana de 23 anos. O critério de inclusão foi estar em visita monitorada no ambiente “Educação para a Saúde” do MUDI. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP/ UEM), protocolo nº 2.853.778.

A coleta de dados foi realizada pela mediadora do projeto, acadêmica bolsista da área da saúde, previamente treinada. Após a visita, foram encaminhados à sala multiuso do Museu, onde o projeto foi apresentado. Na sequência, solicitamos a leitura e assinatura do termo de consentimento. Para os estudantes menores de idade o professor ou o acompanhante maior de idade foram instruídos a lerem e assinarem o termo de compromisso. Após o aceite para participação na pesquisa o questionário foi entregue.

O questionário, composto por oito questões de múltipla escolha e elaborado pelas autoras, indagava sobre o principal meio de obtenção de informações relativas as IST; contribuição do conteúdo abordado durante a visita; conhecimento sobre os preservativos masculino e feminino; métodos de prevenção; IST e ambiente escolar; conhecimento prévio sobre o preservativo feminino; idade e sexo; e uma lista contendo 16 nomes de diferentes doenças, solicitando que assinalassem aquelas que consideravam IST. Para a análise de dados utilizamos o software estatístico RStudio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise de dados foram utilizados 397 questionários. Destes, 227 eram do sexo feminino e 170 do sexo masculino. Três foram excluídos em virtude da falta de preenchimento da questão 7, que apresentava apenas duas opções para a escolha do sexo, a saber, “sexo feminino” e “sexo masculino”.

De acordo com Oka e Laurenti (2018), a divisão analítica entre “sexo” e “gênero” remonta aos estudos do médico John Money em 1981, onde já discutia que a anatomia sexual de nascença de um indivíduo não garantiria que, ao longo de sua vida, esse mesmo ser pudesse tornar-se aquilo que socialmente é reconhecido como um homem ou uma mulher.

A identidade de gênero, numa ótica socioconstrucionista considera os gêneros como processos fluidos, relacionados a um forte valor emotivo, não estáticos ou monolíticos, mas móveis e permeáveis (ROCHDORN, 2013). A intenção das autoras com esta questão era determinar o sexo biológico dos entrevistados, contudo, oferecer também a opção de alternativa para gênero teria sido mais apropriado, já que o substantivo gênero representa integração entre natureza e cultura, desenvolvendo-se em um contexto de amadurecimento biológico e psicossocial de um indivíduo.

Na questão sobre o principal meio para obtenção de informações sobre IST, 38.2% responderam que foi pelo professor e 21.4%, via internet. O último valor chama a atenção, já que nosso público é composto, sobretudo por adolescentes e as descobertas sexuais, quando desatualizadas ou erradas, podem culminar com a contaminação por microrganismos causadores de infecções sexualmente transmissíveis ou na ocorrência de gravidez não planejada.

Porém, sabe-se que o exercício da sexualidade trata-se de tarefa complexa que permeia aspectos cognitivos que vão desde os mais primitivos (sensoriais) até esquemas de representação mais complexos, como linguagem corporal, facial e outros sinais, com aspectos culturais, extremamente relevantes (ROMERO et al., 2007).

É consenso que a fase da puberdade e adolescência é marcada por alterações anatomofisiológicas, psicológicas e comportamentais, que podem causar angústia e ansiedade. Todavia, mudanças menos evidentes também ocorrem nas conexões cerebrais, por meio da poda neuronal, que reorganiza e prepara o cérebro da criança para a maturidade, acarretando impacto significativo na capacidade de tomar decisões e trabalhar emoções (HERCULANO-HOUSEL, 2005; KANDEL et al., 2014).

Todas essas mudanças os tornam ávidos por novas descobertas e experiências, deixando-os vulneráveis. Considerando o resultado, que evidencia que 21.4% dos entrevistados utilizam a internet para obterem informações sobre sexualidade, pesquisas que visem analisar os conteúdos sobre sexualidade e prevenção, disponíveis na rede mundial de computadores, são necessárias.

Chagas et al. (2017), corroboram ao afirmarem que o site de busca do Google costuma ser a principal e primeira ferramenta utilizada por pessoas de qualquer sexo ou idade para a busca de informações. Outro aspecto importante que chamamos a atenção seria que, em virtude do tema sexualidade ainda carregar alguns tabus, pesquisas na rede de computadores pode oferecer certo sigilo e baixa exposição pessoal, tornando-se uma forma convidativa.

Mello et al. (2017) acrescentam ainda a urgência de as mulheres assumirem suas parcelas de responsabilidades na prevenção de DST/AIDS, haja vista que em nossa sociedade, a responsabilidade sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ainda fica a cargo do homem e com frequência as mulheres ainda se sentem desconfortáveis para cobrarem o uso do preservativo pelo parceiro.

Ao nosso ver, um dos caminhos que poderiam contribuir para minimizar os riscos de contaminação e/ou gravidez não planejada seria investimentos em textos de popularização da ciência para serem disponibilizados em sites populares, projetos e cursos de extensão, com ações para além dos muros das universidades e que ofereçam espaço para debates e discussões, respeitando as faixas etárias dos grupos participantes, sobre os benefícios de ambos os preservativos, como usá-lo e onde obtê-lo gratuitamente.

Quando questionados sobre as informações recebidas durante a visita monitorada, 43.8% (28.8% do sexo feminino e 15% do sexo masculino) responderam que os conteúdos apresentados serviram para aumentar o conhecimento que já possuíam e 43.8% (23,2% e 20,6% do sexo feminino e masculino, respectivamente) adquiriram novas informações. 7.95% e 5.6% responderam que nenhuma informação recebida foi novidade e todas as informações foram novas, respectivamente.

Freitas (2014) utilizando estratégias de site educativo e roda de conversa isolada e combinada para trabalhar prevenção de IST/HIV com adolescentes, refere que o grupo que recebeu somente a roda de conversa se destacou em relação aos quesitos conhecimento sobre HIV, negociação do uso de camisinha masculina e a atitude de reconhece-la como método de prevenção, bem como do entendimento da importância em buscar o serviço de saúde. Concluíram que a roda de conversa, em uma única sessão, foi mais eficaz na melhoria do conhecimento e da prática da promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.

Nossos resultados mostram que o espaço “Educação para a Saúde”, vem contribuído positivamente para melhorar o nível de compreensão dos visitantes acerca do tema. Importante salientar que, independente da pesquisa, professores e/ou maiores acompanhantes de alunos menores são sempre informados e consultados sobre o conteúdo a ser abordado, já que os mediadores utilizam modelos anatômicos e estimulam, além da livre expressão, o manuseio de ambos os preservativos.

Por outro lado, Silva et al. (2016) ao avaliarem o conhecimento de adolescentes de uma escola pública da cidade de Natal, no Nordeste do Brasil, verificaram que 178 (81%) alunos disseram que, às vezes, receberam orientação sobre HIV/AIDS fora do ambiente escolar, 34 (15%) não receberam nenhuma orientação sobre HIV/AIDS e 9 (4%) disseram não se lembrar. Em relação a origem das informações, (85%) relataram ser proveniente de amigos, (10%) de irmãos mais velhos e (5%) dos pais. Quando perguntados se receberam orientação sobre HIV/AIDS na escola, 99 (45%) responderam que sim e 123 (55%) responderam que não.

Em nosso estudo, 19,6% das mulheres e 11,9% dos homens responderam que todos os professores das diferentes disciplinas abordam o assunto ao menos uma vez por ano. Por outro lado, 15,2% e 17,8%, respectivamente, responderam que o tema é abordado somente nas aulas de biologia e várias vezes ao ano. Por outro lado, Silva (2015) investigando o conhecimento de 61 alunos em duas escolas, particular e pública, e dois professores de biologia no município de Rio Claro/SP, concluiu que embora o tema IST esteja previsto no ensino, falta diálogo para o planejamento do conteúdo a ser trabalhado, já que o conhecimento sobre o tema se mostrou genérico nas duas instituições pesquisadas.

Dentro deste contexto, destacamos a importância dos Museus de Ciências, ao transcender a instituição escolar na alfabetização científica de crianças e adolescentes. Marques e Marandino (2018) destacam que a compreensão de que o processo de alfabetização científica é contínuo e permanente, transcendendo a instituição escolar, ainda que esta tenha papel imprescindível e insubstituível, os museus, mídia impressa ou audiovisual devem se colocar como parceiros nessa empreitada de socializar o conhecimento científico de forma crítica para a população.

Quando indagados sobre a importância em se usar os preservativos masculino e feminino, 91,6% (55,4% meninas e 36,2% meninos) responderam que são a melhor opção para prevenir gravidez indesejada e IST. Contudo, na questão seguinte quando questionados sobre o que consideravam importante conhecer para prevenção de IST, 30,3% do público feminino e 19,3% do masculino, marcaram que seria conhecer os diferentes tipos de métodos contraceptivos.

Por outro lado, 4,6% das mulheres e 11,5% dos homens responderam que

seria conhecer sobre o preservativo masculino e 2,3% do público feminino e 0,3% do masculino, que seria conhecer sobre o preservativo feminino. Esses resultados evidenciam que a compreensão acerca do significado de métodos contraceptivos e métodos de prevenção de IST ainda não é clara, provavelmente pelo fato de que os preservativos sejam também utilizados por aqueles que não desejam uma gravidez.

Vários estudos mostram que, apesar de as pessoas entrarem em contato com diferentes fontes de informações, o conhecimento efetivo sobre as formas de funcionamento e de uso dos métodos contraceptivos parece ser insatisfatório (BRUM; CARRARA, 2012; DELATORRE; DIAS, 2015; PATIAS; DIAS, 2014).

Quando questionados se já conheciam o preservativo feminino, 49,2% das mulheres e 27,5% dos homens responderam que sim. Contudo, entre aqueles que responderam não conhecer, 15,5% eram homens e 7,6% mulheres.

O preservativo feminino surgiu como mais uma alternativa de anticoncepção e prevenção de IST, além de oferecer às mulheres a possibilidade de independência quanto à prática sexual, já que pode ser inserido horas antes do início da relação sexual, permite uso de vários lubrificantes e colabora com prazer feminino, pois sua borda externa estimula o clitóris. Todavia, de acordo com Oliveira et al. (2008) apresenta maior índice de adesão em mulheres que conhecem o próprio corpo e que têm domínio do uso correto.

Fernandez et al. (2012) constataram que muitas mulheres, após serem devidamente instruídas, motivaram-se a usar o preservativo feminino apesar dos mitos, sobretudo os estéticos, comumente difundidos. Contudo, chamam a atenção sobre a importância de profissionais conscientes, informados e aptos a incluí-lo no leque de métodos oferecidos, de forma a garantir o direito das usuárias em conhecer e decidir sobre qual o melhor método para si.

Mello et al. (2017) acrescentam que investimentos em artigos de popularização da ciência em língua portuguesa para publicação em revistas, jornais, sites e blogs também são de extrema importância, haja vista que, em um primeiro momento, as pessoas com acesso a internet buscam essas informações no Google e que a maior parte dos profissionais, em uma unidade básica de saúde, não dominam a língua inglesa, encontrando dificuldades para se auto capacitarem e, conseqüentemente, limitando as ações preventivas.

Outro ponto a ser destacado em nosso estudo foi que 15,5% dos homens afirmaram não conhecerem o preservativo feminino, evidenciando a necessidade de que os homens sejam envolvidos nas intervenções educativas no sentido de facilitar a negociação feminina sobre o método e a adesão masculina ao preservativo, já que Kalckmann (2013), avaliando o uso e descontinuidade da camisinha feminina por mulheres nos serviços de atenção às DST/AIDS, verificou que a opinião dos parceiros foi decisiva para a interrupção e continuidade no uso do preservativo feminino, indicando que o casal e a intersubjetividade no contexto das relações de gênero, e não apenas a informação da mulher sobre o uso do método, deve ser o foco da promoção do preservativo.

Finalmente, na questão que avalia o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis, observamos que 90% dos entrevistados marcaram candidíase como sendo uma IST, provavelmente em virtude da transmissão por via sexual ser comum. Gonçalves et al. (2016), em artigo de revisão, verificaram que existe um equilíbrio entre espécies do gênero *Candida* e os mecanismos de defesa vaginal, como os lactobacilos e as respostas imunes, que permitem a

persistência da relação de comensalismo.

Contudo, essas espécies são oportunistas e podem mudar de inofensivas para patogênicas quando as condições do hospedeiro forem favoráveis, causando uma infecção chamada candidíase vulvovaginal (CVV), definida pela presença de sinais e sintomas de inflamação na presença de espécies de *Candida* e na ausência de outros agentes infecciosos (ACHKAR; FRIES, 2010).

São bem conhecidos que os fatores de risco para a infecção relacionados ao hospedeiro incluem gravidez, reposição hormonal, diabetes descontrolado, imunossupressão, antibióticos, uso de glicocorticóides e predisposições genéticas. Já os comportamentais incluem o uso de contraceptivos orais, dispositivo intrauterino, espermicidas, preservativos, hábitos precários de higiene, vestuário e práticas sexuais.

As manifestações mais frequentes de candidíase geniturinária incluem a vulvovaginal (CVV) em mulheres, balanite e balanopostite em homens e candidúria em ambos os sexos. Essas doenças são notavelmente comuns, podendo ocorrer em populações imunocompetentes e imunocomprometidas (ACHKAR; FRIES, 2010).

Ao nosso ver, ações que busquem esclarecer que apesar da transmissão sexual, a infecção por espécies do gênero *Candida* não se classifica como IST, contribuiriam sobremaneira na diminuição do sofrimento de mulheres e homens que, por ventura, adquirirem essa infecção ao longo da vida. Entendemos que os museus de Ciências são também locais apropriados para apresentação deste tema já que oferecem, por meio de visitas monitoradas e de uma linguagem científica de fácil entendimento, possibilidade de discussão, reflexão e autoconhecimento, com conseqüente melhoria na qualidade de vida.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos corroboram a necessidade em se priorizar uma educação pautada no fato de que o sexo faz parte da vida e da saúde, devendo ser amplamente discutido de forma clara e objetiva. Uma tarefa infundável, sobretudo para o professor, já que o mundo é dinâmico, que as crianças crescem e se tornam jovens, que se tornam adultas e envelhecem, devendo, de acordo com a faixa etária em que se encontram, ser constantemente instruídas em relação a sua sexualidade, aos seus direitos e deveres e aos cuidados e o respeito que devem ter com o próprio corpo.

REFERÊNCIAS

ACHAR, M. J.; FRIES, B. C. *Candida* infections of the genitourinary tract. **Clin. Microbiol. Rev.** 23(2), p. 253-273, 2010.

CHAGAS, I. F. S. et al. Produção e popularização de conhecimentos sobre cronotipos aplicado à gestão de pessoas. **Revista Uningá**, 51(3), p. 48-56, 2017.

BRUM, M. M.; CARRARA, K. História individual e práticas culturais: efeitos no uso de preservativos por adolescentes. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 29(1), p. 689-697, 2012.

DELATORRE, M. Z.; DIAS, A. C. G. Conhecimento e práticas sobre métodos

contraceptivos em estudantes universitários. **Revista da SPAGESP**, São Paulo: 16(1), p. 60-73, 2015.

DOS SANTOS, B.; ADSON, D. S; FABRÍCIO, O. **Museu**: um espaço de aprendizagem sob o olhar de idosos. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, vol. 10, 2017.

FERNANDES, R. L. V. et al. Conhecimento, atitude e prática relacionados ao preservativo feminino. **Rev. Rene**, 13(4), p. 755-65, 2012.

FREITAS, L. V. **Avaliação de propostas educativas para a prevenção de DST/HIV em adolescentes - uso isolado e combinado de tecnologias**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará. 167 f. 2014.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de Mediadores em Museus de Ciência: Saberes e Práticas. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.** (Belo Horizonte), vol.18, p. 23-46, 2016.

GONÇALVES, B. et al. Vulvovaginal candidiasis: Epidemiology, microbiology and risk factors. **Crit Rev Microbiol.** 42(6), p. 905-927, 2016.

HERCULANO-HOUZEL, S. O cérebro em transformação. Tá vindo de onde, tá indo para onde? **Objetiva**: Rio de Janeiro, p. 61-74, 2005.

HOCHDORN, A. **Falando gênero: a construção contextual das identidades de gênero**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2013.

KALCKMANN, S. Preservativo feminino e dupla proteção: desafios para os serviços especializados de atenção às DSTs e Aids. **Temas em Psicologia**, 21(3), p. 1154-1157, 2013.

KANDEL, E. R. et al. **Princípios de neurociências**. As células nervosas, os circuitos neurais e o comportamento. 5º ed. Artmed: Porto Alegre, p 20-33, 2014.

MARANDINO, M. (org.) **Educação em Museus**: a mediação em foco. São Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência (Geenf/FEUSP), 2008.

MARQUES, A. C. T. L.; MARANDINO, M. Alfabetização científica, criança e espaços de educação não formal: diálogos possíveis. **Edu. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e170831, 2018.

MELLO, S. T. et al. Popularização da Ciência na prevenção das Dst/Aids na terceira idade. **Revista Uningá**, 52(1), p. 63-70, 2017.

OKA, M.; LAURENTI, C. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. **Saúde e Sociedade**, 27(1), p. 238-251, 2018.

OLIVEIRA, N. S. et al. Conhecimento e promoção do uso do preservativo feminino por profissionais de unidade de referência para DST/HIV de Fortaleza-CE: o preservativo feminino precisa sair da vitrine. **Saúde Soc. São Paulo**, 17(1), p. 107-116, 2008.

PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Sexarca, informação e uso de métodos contraceptivos: comparação entre adolescentes. **Psico-USF**, 19(1), p. 13-22, 2014.

ROMERO, K. T. et al. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, p. 14-19, 2007.

SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**. Curitiba, nº 57, p. 221-238, 2015.

SILVA, R. A. R. et al. Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS. **Revista online de pesquisa: Cuidado é fundamental**, 8(4), p. 5054-5061, 2016.